

Entrevista com o Coletivo Sycorax

Alison Silveira Morais¹
Universidade Federal de Santa Catarina

“Um sabá de mulheres que conjuram traduções”, é o que lemos na apresentação do website do Coletivo Sycorax. O grupo é atualmente composto por Cecília Rosas, Cecília Farias, Juliana Bittencourt, Leila Giovana Izidoro e Shisleni Oliveira Macedo, vem atuando desde 2015 e ficou marcado por sua tradução do livro *O Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017), de Silvia Federici.

Nesta entrevista, o Coletivo Sycorax fala sobre suas carreiras tradutórias, e como a tradução é uma ferramenta importante para suas trajetórias políticas e de militância. Elas reivindicam a figura da bruxa Sycorax, da peça *A Tempestade*, de Shakespeare, desconstruindo-a e a colocando em primeiro plano, elegem assim a figura da mulher “herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que se encoraja a viver só, a mulher obeah que envenenava a comida do amo e inspirava os escravos a rebelarem-se” para incorporar não somente o processo tradutório e as teorias feministas que transitam na tradução em si, mas também para questionar o próprio setor editorial, indo contracorrente da “lógica capitalista da propriedade intelectual”.

Podem falar um pouco sobre o Coletivo Sycorax, quem o compõe, suas formações acadêmicas, especialidades, interesses?

O coletivo surgiu no final de 2015 com o projeto de tradução do livro *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, de Silvia Federici. Para nos imaginarmos como um coletivo de tradução feminista foi importante a experiência que tivemos na *Revista Geni*². A maioria de nós integrava o coletivo editorial ou colaborava de alguma forma com a revista. A *Geni* foi uma publicação independente e de acesso aberto sobre gênero e sexualidade, que publicou 29 números de 2013 a 2016. Inicialmente pensamos

¹ Tradutor e ilustrador. Atualmente mestrando e bolsista no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: alison-s-morais@hotmail.com.

² revistageni.org

em publicar a tradução do livro na revista, mas com o seu fim nos articulamos para seguir o projeto de tradução do livro e criamos o Coletivo Sycorax.

Partimos juntas do questionamento sobre como fazer circular ideias, debates e conhecimentos sobre as múltiplas realidades de outras mulheres e suas estratégias de resistência na luta contra a exploração e a opressão das mulheres no capitalismo. Em comum, as integrantes do coletivo já colaboraram com meios independentes de comunicação e entendem a criação do coletivo como uma contribuição para pautar conteúdos e ampliar a circulação de autoras que o mercado editorial não contempla. Nossa experiência em outras articulações políticas e em movimentos sociais também nos parece fundamental. Além disso, estamos inseridas na academia desenvolvendo pesquisas em diversas áreas do conhecimento, sendo que a maioria das integrantes não trabalha como tradutora profissionalmente.

Atualmente, somos cinco mulheres: Cecília Rosas, Cecília Farias, Juliana Bittencourt, Leila Giovana Izidoro e Shisleni Oliveira Macedo. As nossas diferentes formações e atuações profissionais eventualmente contribuem com a nossa prática tradutória no coletivo, mas também consideramos importante nos organizamos para realizar formações internas para que todas as integrantes possam participar de todas as etapas que uma tradução coletiva envolve. Também podemos contar com outras pessoas em cada projeto de tradução, tanto no *Calibã e a Bruxa* quanto em *O ponto zero da revolução* contamos com a participação de mais pessoas em outras etapas do processo, além das integrantes do coletivo.

Quais foram os livros que marcaram e mais influenciaram em suas formações ou na atuação como Coletivo Sycorax?

Nos inspiramos em iniciativas, como as do selo Me Parió Revolução³, da Rede Poder e Revolução, da Zona Sul de São Paulo, que, em 2014, publicou o livro *Onde estaes Felicidade*, de Carolina Maria de Jesus, de forma gratuita, e, a partir de um financiamento colaborativo, imprimiu uma tiragem de exemplares. Outra referência é o Coletivo Veredas⁴ que também está orientado para a divulgação de forma aberta e

³ nucleopodererevolucao.wordpress.com/edicoes-me-pario-revolucao

⁴ coletivoveredas.com

gratuita de obras marxistas, e a Editora Subta⁵, que em parceria com outros coletivos, libera textos anticapitalistas gratuitamente.

Como coletivo podemos mencionar outras reflexões sobre traduções já realizadas, que nos ajudaram a pensar a nossa prática tradutória. Por exemplo, o artigo “Diáspora negra em contexto de tradução: discutindo a publicação de mulheres, raça e classe, de Angela Davis, no Brasil”, de Luciana de Mesquita Silva, sobre a tradução de *Women, Race & Class* (1981), de Angela Davis, ao português brasileiro, por Heci Regina Candiani.

Outra coletiva que muito nos inspira atualmente é a *Revista Amazonas*⁶, uma revista feminista, antirracista e anticapitalista bilíngue feita por mulheres de diferentes países. Recentemente pudemos conhecer melhor o trabalho de outras tradutoras em um ciclo organizado pela Daniela Avelaneda Origuela, o Círculo de Tradução Feminista no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc, em São Paulo, no qual participaram Hailey Kaas, Jamille Pinheiro Dias, Stephanie Borges e Julia Raiz, do Pontes Outras⁷.

Em o *Calibã e a Bruxa* e *O ponto zero da revolução*, que método vocês utilizaram para tradução? Vocês seguiram alguma teoria tradutória específica para estes dois trabalhos? Quanto tempo levou?

A tradução de *Calibã e a bruxa* demorou cerca de um ano e meio. Foi mais extensa do que a de *O ponto zero da revolução*, pois trabalhamos em duas etapas com o texto. A primeira delas precedeu a publicação da versão beta, que foi lançada em formato HTML em nosso site, em setembro de 2016, por ocasião da primeira visita de Silvia Federici ao Brasil. Quisemos compartilhar a tradução dessa forma com a intenção de receber comentários e sugestões de leitoras, que poderiam ser incorporados na versão final. Após a decisão de que a tradução brasileira de *Calibã e a bruxa* seria editada e impressa em julho de 2017, fizemos novas revisões no texto traduzido e incorporamos algumas melhorias na tradução. Já a tradução de *O ponto zero da revolução* demorou cerca de 11 meses.

Ao longo do processo de tradução de ambos os livros começamos a refletir sobre nossa prática tradutória e a tradução feminista, mas foi principalmente a partir da necessidade

⁵ we.riseup.net/subta

⁶ www.revistaamazonas.com

⁷ pontesoutras.wordpress.com

de melhorar nosso processo de trabalho que começamos a sistematizar nossas práticas para compartilhar com outras pessoas. Recentemente, escrevemos um artigo para a revista *Mutatis Mutandis*, uma revista latino-americana de tradução, discutindo a prática tradutória coletiva como um projeto político feminista transnacional, com base em nossa experiência com a tradução de *Calibã e a bruxa* ao português brasileiro. Entendemos que a tradução perpassa desde a escolha da obra a ser traduzida, passando pela experiência com o texto e paratextos, até a participação no processo editorial e nas formas de circulação da obra de forma a questionar as atuais condições de acesso ao conhecimento. Os debates e oficinas que organizamos, como entendemos a movimentação coletiva com a obra, também fazem parte da tradução.

Em relação à revisão dos textos durante e depois do processo de tradução, foi feito entre o coletivo também?

Sim. Após a tradução realizamos uma primeira revisão de tradução, na qual cada tradutora revisou um trecho que não havia traduzido e cotejou com o texto original, em inglês, e, em caso de dúvidas, com as edições em espanhol. A partir dessa etapa, passamos a consolidar a relação de termos a serem debatidos coletivamente, o que garantiu que as escolhas tradutórias fossem assumidas em conjunto.

Assim, partimos para uma segunda revisão de tradução, dessa vez coletiva, para a qual todas as tradutoras se encontram presencialmente e na qual são estabelecidas coletivamente as decisões de alguns termos que haviam ficado em aberto e a necessidades de inclusão de notas de rodapé e outros recursos paratextuais, como capa e quarta capa, além da nota da tradução. Há ainda uma terceira revisão, que chamamos de “revisão final”, essa sim feita por uma única pessoa para padronizar as diferenças de tradução que não puderam ser equalizadas anteriormente. A revisão final toma como base as decisões coletivas tomadas na etapa de discussão conjunta e assim homogeneiza alguns termos.

No caso de publicação impressa do livro, a editora ainda realiza uma revisão final e nos encaminha sugestões, questões e dúvidas específicas. O documento é, então, revisado coletivamente e devolvido com as sugestões finais. As versões finais de ambos os livros que traduzimos, diagramadas, estão disponíveis em coletivosycorax.org/traducoes. Uma das condições do coletivo para publicação com editoras é que o livro seja publicado

com uma licença *Creative Commons* e que o acesso aberto seja garantido, em formato digital.

Como vocês perceberam o impacto dessas duas traduções em suas esferas sociais, acadêmicas e de militância?

A partir da recepção das obras de Silvia Federici na América Latina, já havíamos observado a influência de suas ideias nos movimentos feministas e de mulheres na região e também como a própria autora tem como referência essas experiências. O contato prévio com a recepção da obra nesses contextos foi um dos motivos que nos levou à escolha de traduzir *Caliban and the Witch* ao português brasileiro. Em 2015, quando iniciamos a tradução, a conjuntura apresentada já refletia um ponto alto do neoliberalismo, da privatização de terras, comprometimento de garantias sociais, e com um impacto maior na vida das mulheres, modulando diferenças também quando consideramos especificidades de raça e classe. Consideramos essa conjuntura importante para repensarmos nossas estratégias de luta e como o processo tradutório estava necessariamente relacionado aos nossos horizontes de transformação social.

Após a tradução do texto, promovemos uma série de iniciativas para expandir ainda mais a conexão da obra com as lutas locais. Em 2016, quando lançamos a primeira versão da tradução, aproveitamos a primeira visita de Silvia Federici ao Brasil para propor um debate sobre a atualidade da caça às bruxas. O evento contou com a presença de Débora Maria da Silva, do Movimento Mães de Maio, Regiany Silva, do coletivo Nós Mulheres da Periferia, e Monique Prada, da Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores Sexuais (CUTS) e coeditora da página Mundo Invisível. Essa atividade aconteceu na Escola Ocupada Livre, um projeto de escola popular em uma ocupação de moradia, em Pinheiros, um bairro na zona oeste de São Paulo. Disponibilizamos a transcrição do debate em nosso site⁸

Na experiência do coletivo Sycorax, esses momentos de aprendizagem mútua, as rodas de conversa e oficinas, são importantes para abordar os principais temas dos livros traduzidos a partir das múltiplas realidades das participantes e dos estudos de caso propostos.

⁸ <http://coletivosycorax.org/2017/08/04/mulheres-luta-e-capital-silvia-federici/>.

No caso de *Calibã e a bruxa*, durante o lançamento da versão impressa em 2017, o coletivo distribuiu gratuitamente um cartaz com uma imagem do livro e a transcrição do debate ocorrido em 2016. Além dos eventos de lançamentos iniciamos um ciclo de oficinas de leitura da obra, intitulado “Mulheres e resistências periféricas em meio às crises do capital: Oficinas sobre o livro *Calibã e a Bruxa*, de Silvia Federici”. Nestas oficinas, realizadas em 2018, no campus Itaquaquecetuba do Instituto Federal de São Paulo, abordamos os grandes temas do livro, como a atualidade da caça às bruxas e a violência de Estado; acumulação primitiva e trabalho reprodutivo; e a descolonização e lutas pelo comum.

Optamos por realizar nossas atividades preferencialmente em lugares descentralizados, de forma articulada a iniciativas locais. A escolha por realizar as oficinas no Instituto Federal de São Paulo se justificou, assim, pelo fato de que sua implementação em muitas regiões da cidade é fruto da mobilização de movimentos sociais locais e algumas iniciativas docentes reforçam o compromisso com o oferecimento de atividades de extensão de forma aberta e gratuita. Além disso, os Institutos Federais de Educação (IFs) e as Universidades Públicas Federais foram recentemente alvo de cortes sistemáticos de verbas pelo Ministério da Educação (MEC), perseguição ideológica e ameaça de adoção de modelo de educação “cívico-militar”.

Em uma parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo, pudemos realizar as oficinas gratuitamente e com distribuição do livro. Abrimos também a possibilidade de acolhimento de crianças, pois a maternidade não pode ser impeditivo para as mulheres participarem de espaços de debate, sobretudo em atividades em que o trabalho de cuidado está sendo questionado e discutido.

O coletivo já recebeu diversos convites para debater diferentes tópicos, que vão desde a discussão sobre direitos reprodutivos, passando por encarceramento feminino e mesmo reflexões sobre a prática tradutória. Por conta disso, pudemos conhecer muitos outros trabalhos importantes de militância, ampliando nosso conhecimento sobre esses projetos e nossa rede de atuação.

Por que a escolha de *Calibã e a Bruxa* e *O ponto zero da revolução* da Silvia Federici?

Nos aproximamos dos trabalhos de Silvia Federici a partir do contato que algumas integrantes do coletivo tiveram com *Calibã e a bruxa* na América Latina, daí iniciou-se uma discussão sobre a necessidade de promover as reflexões trazidas pela autora no Brasil. Isto aconteceu antes mesmo da tradução da obra em questão, sobretudo durante a produção do número 23 da *Revista Geni* (2015), que tinha o campo como eixo temático. Buscávamos, naquela edição, evidenciar as experiências populares de resistência à privatização de terras comunais e de recursos naturais na América Latina. Entendemos que o processo de domesticação e violenta redução da autonomia das mulheres descrito por Federici se conecta com a imposição de agendas econômicas neoliberais na região. Essas reflexões nos acompanharam também ao longo do processo tradutório de *O ponto zero da revolução*. As questões trazidas neste conjunto de ensaios publicados pela autora nos últimos quarenta anos também têm servido de base para questionarmos muito da invisibilidade dos trabalhos reprodutivos que realizamos gratuitamente, enquanto mulheres.

Ano passado, Silvia Federici esteve no Brasil para uma série de eventos em São Paulo, Bahia e Maranhão, soube que o Coletivo Sycorax esteve envolvido com a organização e gostaria de saber como foi a experiência de poder conversar pessoalmente com a autora destes livros tão icônicos.

Na verdade, nós participamos da organização de duas atividades em São Paulo, uma na Unifesp Campus Leste, em Itaquera, e a outra na Ocupação 9 de Julho, no centro. Nós escolhemos espaços que nos pareciam muito significativos, em um momento em que os movimentos sociais estão sendo criminalizados e em que as universidades estão sendo perseguidas. Por isso escolhemos este campus da Unifesp e também a Ocupação 9 de Julho. Esses dois lugares representam a luta pelos comuns, do qual Silvia tem falado muito.

A Unifesp, como dissemos acima, tem sofrido cortes e perseguição do atual governo. Esse campus em particular, é fruto de uma reivindicação antiga dos movimentos sociais da região desde pelo menos os anos 1970 (assim como o é também a USP Leste, inaugurada em 2005) e têm tido muita dificuldade para se instalar efetivamente. Seu primeiro curso de graduação, em Geografia, começará em 2020. Nenhum dos outros cursos tem previsão de início no campus, já que a construção dos prédios ainda não saiu do papel. O terreno era de uma antiga fábrica, Gazarra, que, depois de falida, ficou um

tempo sendo gerida pelas pessoas que trabalhavam ali. As salas de aula recebem o nome de lideranças comunitárias e o campus é dedicado às trabalhadoras e trabalhadores da antiga fábrica. Com o esforço do corpo docente e da própria comunidade, o espaço é pleno de atividades: de cursinho comunitário, a grupos de pesquisa e cursos de especialização, além de lançamento de livros, filmes, atividades culturais, entre outras.

O caso da Ocupação 9 de Julho é mais conhecido. O prédio foi do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e ficou abandonado por 20 anos, até ser ocupado diversas vezes pelos movimentos de moradia desde 1997. Hoje, 124 famílias vivem no espaço que, além de cumprir sua função social, abriga diversas atividades culturais. As pessoas do movimento, junto com uma rede de apoiadores e apoiadoras, organizam horta, grafites, exposições, almoços, têm atendimento médico semanal, brechó de roupas, brinquedoteca e biblioteca. A 9 de Julho é um dos grandes símbolos da luta por moradia na cidade. Contudo, em junho deste ano, a justiça pediu a prisão de nove lideranças do MSTC - Movimento Sem Teto do Centro - e de outros movimentos de moradia, sendo que quatro delas foram efetivamente presas, em uma evidente tentativa de criminalizar os movimentos sociais. Realizar nossas atividades nesses espaços tinha, para nós, um sentido político, de admiração e de apoio a essas experiências de resistência.

Antes disso, já em 2016, como falávamos acima, organizamos um debate com a autora e em 2017, com outras parcerias, organizamos atividades de lançamento do livro, um deles na Galeria Olido, no centro de São Paulo, e outro no Espaço Arte em Construção, na Cidade Tiradentes, na zona leste, e outras duas no Rio de Janeiro, uma delas no Museu da Maré, onde Silvia pôde, inclusive, conhecer Marielle Franco.

Inicialmente o livro *Calibã e a Bruxa* foi traduzido livremente e disponibilizado online de forma independente, e somente depois de um tempo houve o lançamento oficial através da Editora Elefante, como foi esse processo?

Em setembro de 2016 soubemos, através da própria autora, que ela viria ao Brasil pela primeira vez, em setembro de 2016, para eventos no Rio de Janeiro e em São Paulo, a convite do Programa de Ações Culturais Autônomas (P.A.C.A.) e da *Revista DR*, com apoio do Instituto Goethe. Consideramos a vinda oportuna para lançar a versão beta da tradução, em formato digital.

Muito da nossa compreensão sobre os desdobramentos da prática tradutória surgiu com o lançamento dessa versão beta de *Calibã e a bruxa*, em 2016, a partir das conexões realizadas pelas convidadas entre a obra e seus contextos de luta.

Quando decidimos traduzir a obra, pesquisamos também outras edições com o intuito de refletir sobre sua tradução e recepção em outros países; isso nos permitiu conhecer projetos editoriais interessantes, que nos inspiraram, como a editora Autonomedia que publicou a edição original em inglês em 2004, a Traficantes de Sueños que publicou a edição em espanhol com tradução de Verónica Hendel e Leopoldo Sebastián Touza e a Tinta Limón, que publicou a edição em espanhol na Argentina. Todas são editoras independentes que em comum procuram, como afirma a Traficantes de Sueños, oferecer ferramentas intelectuais para o ciclo de lutas em curso.

Além disso, ao utilizar licenças *Creative Commons*, procuramos contribuir com iniciativas que incentivam o acesso aberto ao conhecimento. Assim, as traduções em formato digital podem chegar onde o papel demora pra chegar. Ainda que o livro impresso também tenha o potencial de ir onde a internet chega com dificuldade, ou mesmo nem chega, procuramos, assim, abrir cada vez mais as possibilidades de circulação de ideias. Desta maneira, não podemos dizer que o lançamento de 2017 tenha sido um "lançamento oficial", tendo em vista a importância, e a potência, do lançamento de 2016. São eventos que se completam e amplificam a relevância dos debates que o livro traz. Mas podemos afirmar que os lançamentos de 2017 visibilizaram a parceria com a Editora Elefante para a publicação da obra e com a Fundação Rosa Luxemburgo, parceira em toda a articulação e reflexão que realizamos nesse percurso, tanto para os lançamentos, quanto para a realização das oficinas com os livros.

Observamos nos últimos anos uma crescente ascensão da direita autoritária, reacionária, ultraliberal neofascista no mundo inteiro. Vemos isso com Trump nos Estados Unidos, na Hungria, o primeiro ministro Orbán, Turquia com Erdoğan e mais recentemente com Bolsonaro no Brasil. Em um cenário onde o modo de se aplicar a política muitas vezes se confunde com a perseguição à oposição, a intolerância, o fanatismo religioso, a xenofobia, homofobia, misoginia, racismo e o ódio contra os movimentos políticos sociais, como o próprio feminismo, como foi se debruçarem sobre esses dois livros tão contracorrente levando em conta nossa

atual conjuntura política brasileira. Qual é a importância dessas leituras para o público?

A tradução é uma ferramenta importante e também uma estratégia feminista já que as desigualdades promovidas pelo capitalismo atingem pessoas de diferentes realidades linguísticas, de diferentes maneiras. Portanto, é imprescindível que contribuições para o pensamento e prática da esquerda radical se encontrem e se somem na construção de novas realidades.

No caso de Silvia Federici, a própria autora, ao articular lutas em diferentes momentos históricos e em distintos territórios, propõe conexões com o presente e ajuda a compreender os processos atuais de ataque aos meios de reprodução da vida e as resistências a esse processo. Do lado de cá, muitos grupos mais progressistas também cresceram muito no Brasil e no mundo. Algumas analistas dizem, inclusive, que a ascensão da direita é uma reação ao crescimento de movimentos sociais em todo o mundo, sobretudo movimentos negros, feministas e LGBTQIA+. No Brasil, mais especificamente, nos últimos 15 anos temos assistido a uma disseminação de debates, e de conceitos específicos desses movimentos entre as pessoas mais jovens, não necessariamente ligadas a algum movimento, como os debates em torno dos feminismos. Essas discussões também influenciam mulheres de outras faixas etárias. Algo que a própria Silvia observou durante sua última visita ao Brasil era que percebia que muita coisa estava sendo feita no Brasil e nos países da América Latina por onde havia passado e que esperava que esses encontros abrissem a possibilidade de essas pessoas se unissem. É o que nós esperamos também.

Gosto de uma frase do jornalista e ambientalista George Menbiot que diz: “Capitalismo, teu nome é solidão”. Como é para vocês trabalharem em conjunto em tempos onde o sistema induz pessoas à competitividade desde cedo, onde muitas vezes são arremessadas umas contra as outras já no sistema educacional, até o mercado de trabalho. Em tempos onde o consumismo e a individualização se perpetuam como ideia de sucesso, vocês considerariam que, o fato de serem um coletivo, é uma forma de oposição/resistência perante este sistema?

Acreditamos que o trabalho coletivo pode ser uma forma de resistência, mas não em si mesmo já que também pode ser utilizado como uma forma de precarização do trabalho.

Um questionamento frequente é se a atuação como coletivo de tradução poderia implicar na precarização dos profissionais que atuam como tradutoras e tradutores no mercado editorial. Acreditamos, entretanto, que nossa prática não concorre com a de outras profissionais pois o tempo que uma tradução coletiva requer é praticamente impraticável pelo mercado. Além disso, as condições que colocamos para fechar a impressão de um livro com uma editora, como a distribuição aberta e gratuita do livro em formato digital, uma cota de livros físicos para distribuição em bibliotecas públicas, comunitárias e outras coletivas, a aquisição de exemplares a preço de custo para distribuição em oficinas, podem ser consideradas impeditivas para algumas lógicas deste mercado. Acreditamos ainda que podemos contribuir para a visibilização das tradutoras e tradutores ao investir na tradução coletiva, em um grupo de pessoas que procura somar diferentes saberes, atuações e experiências políticas, no apoio à criação de novos coletivos e no incentivo à circulação do conhecimento. Procuramos evidenciar que os textos que selecionamos no coletivo Sycorax também disseminam a agenda política que defendemos. São textos que escolhemos por seu potencial impacto enquanto formadores e instrumentos de luta e que, preferencialmente, estejam fora do radar de editoras comerciais. Gostaríamos de criar pontes, abalar os cercamentos do saber.

Recentemente fiquei sabendo que o Coletivo Sycorax e a Editora Elefante estão preparando a tradução do livro *Re-enchanting the World: Feminism and Politics of the Commons* também de Silvia Federici, para lançamento em 2020. Além desse projeto, teriam mais algum em andamento ou como plano futuro?

Sim, o *Re-enchanting* está previsto para 2020, além disso, vamos começar o projeto de uma antologia, mais voltado para a América Latina, que vai ser um projeto mais longo, porque prevê novas parcerias, discussões e formações internas. Pretendemos fazer um levantamento de textos, discuti-los em grupo, selecionar os que vão compor a antologia, decidir quais serão os critérios, e por aí vai... Além disso, gostaríamos de replicar as oficinas sobre o *Calibã* e *O ponto zero* e fazer outras oficinas de tradução coletiva, como a que fizemos na Feira Literária de Assis, recentemente. Gostaríamos muito de contribuir para que outros coletivos de tradução sejam criados, ampliar o debate sobre a tradução coletiva como projeto feminista e o acesso a textos que fomentem a resistência e a emancipação no Brasil e além.

REFERÊNCIAS

COLETIVO SYCORAX. Sobre nós. Disponível em: <http://coletivosycorax.org/sobrenos/>. Acesso em dez. 2019.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

_____. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.